



A GENTE PRECISA
crescer

por Gabriela Quadros

Eu sempre achei que houvesse uma confusão quando se fala de séries de adolescente. Porque sempre distingi dois tipos dessas séries. Tem aquelas que são feitas *para* adolescentes e aquelas que são *sobre* eles. E há uma diferença bem grande entre elas. Por exemplo, quando eu tinha 14 anos, acompanhava tudo que envolvesse vampiros, magia, mistérios e intrigas no ensino médio. São séries para adolescentes. Mas também tem aquelas sobre adolescentes - as quais eu fui ver já depois de terminar a escola: *Freaks and Geeks* (Paul Feig, 1999-2000) - que só teve 18 episódios, infelizmente -, *My Mad Fat Diary* (Tom Bidwell, 2013-2015) e, mais recentemente, **Skam**. Esse último grupo, mesmo tendo como principal público alvo pessoas da mesma faixa etária de seus protagonistas, consegue atingir muita gente. A Noruega tem uma população de pouco mais de 5 milhões de pessoas, das quais cerca de 800 mil são adolescentes. E, semanalmente, a série conseguiu atingir em torno de 1,2mi de pessoas. Apenas na Noruega. Isso só prova que, mais que uma série para adolescentes, *Skam* é uma série sobre eles.

Skam fica mais popular a cada semana que eu adio a escrita desse texto. Acompanhando a vida de adolescentes do ensino médio de Oslo, seu formato de exibição é bastante interessante, como uma mistura de série de tv e websérie. Oficialmente, o episódio completo vai ao ar nas

sextas feiras. Mas, durante a semana, cenas são liberadas no site da série. Então, se uma conversa acontece às 10 da manhã na escola, é nessa hora que a cena vai ser liberada. Além disso, os personagens principais têm contas nas redes sociais e suas mensagens de texto são também públicas, o que torna as coisas bastante interativas, além de aumentar a ansiedade e expectativa da legião de fãs que acompanha a série religiosamente.

Uma escolha narrativa bastante interessante é a de focar em um personagem por temporada. Na primeira temporada, vemos tudo pelos olhos de Eva, uma garota que enfrenta problemas no relacionamento com o namorado. Na segunda, seguimos Noora, que também lida com sua vida amorosa e as insistentes investidas do garoto popular à la Edward Cullen - calma, ele não é um vampiro. Na terceira temporada, focamos em Isak enquanto ele lida com a descoberta de sua sexualidade. Já na quarta e última temporada, o foco fica em Sana, uma muçulmana que não tem medo de falar o que pensa, lidando com religião, feminismo e amor.

Porém, resumir as histórias dessas personagens em duas linhas é simplista demais. Seguindo as propostas do gênero *teen*, muito mais do que sobre relacionamentos, amizades e drama, os arcos de cada temporada acompanham uma jornada repleta de autodescoberta,

autoaceitação e amadurecimento das personagens principais.

Na série, tudo parece bastante banal - e é. Inúmeras foram as vezes que me deparei com a expressão “*Skins* norueguesa” para descrever *Skam*. E, sinceramente, discordo muito. *Skins* (Bryan Elsley e Jamie Brittain, 2007-2013) foca em um personagem por episódio e mostra centenas de festas e adolescentes bêbados. Mas para por aí. Lembro que quando assisti *Skins*, com a mesma idade dos personagens, aquela era a vida que eu secretamente sonhava em ter. Vendo *Skam*, hoje, por mais que eu não tenha vivido todas situações pelas quais os personagens passaram, eu sinto que poderia ter passado. E seria exatamente daquele jeito.

Skins é megalomaníaca, de certa forma. Irreal. Em *Skam*, a identificação é muito fácil e natural. Além das festas, em contraponto, são comuns as cenas em que nada acontece. Seja de um personagem olhando para o celular esperando uma mensagem ou confirmação de amizade no *Facebook* ou então apenas pensando na vida em seu quarto.

Essa identificação não vem do nada. Julie Andem, a criadora da série, passou bastante tempo convivendo e conversando com os adolescentes e isso fica bastante claro ao assistir à série. É tudo muito sincero e eu, mesmo tendo sido uma adolescente no Brasil, passei por

muitas das situações que aqueles jovens noruegueses passaram - por vezes, situações assustadoramente parecidas.

Skam pode parecer só mais uma série de dramas amorosos adolescentes, mas a capacidade de trazer assuntos extremamente relevantes de maneira nada forçada que a série possui também é notável. Homofobia, islamofobia, distúrbios alimentares, estupro, aborto, a relação entre feminismo e religião, pornografia infantil, bipolaridade e suicídio são só alguns dos temas tratados durante as quatro temporadas já lançadas.

É difícil falar de tantos temas pesados sem cair no clichê, previsível e melodramático. Mas, de alguma maneira, *Skam* consegue fugir disso tudo ao falar de aborto sem tabu ou julgamento algum, por exemplo. Sem romantizar a bipolaridade, terminando o arco amoroso de uma temporada inteira na incerteza, na promessa de viver cada dia, cada minuto, cada segundo de cada vez - e não nas juras de amor eterno.

Ou ainda quando a série se propõe a falar de abuso sexual passando longe do que grande parte do público de ficção seriada está acostumada com, por exemplo, *Game of Thrones*. Não há violência explícita. Não precisa. Aliás, precisa-se do que vem depois. O sentimento que fica, a dúvida, a angústia. É tudo bastante sensível.

A experimentação com a linguagem também é bastante interessante. Não é nada pioneiro, mas é sempre reconfortante ver *jump cuts*, telas pretas e sobreposição de diálogos na televisão - como na belíssima cena em que Eva e Jonas terminam seu relacionamento: ouvimos o diálogo entre os dois, linearmente, e vemos imagens intercaladas da conversa, das lágrimas e dos últimos beijos.

interessante - e, aqui, lembro sempre daqueles episódios de *Pretty Little Liars* (2010-, I. Marlene King) que, sim, realmente tem alguém tentando matar todo mundo e nada é desenvolvido, só mais furos de roteiro são criados.

Sempre me pergunto por que algumas séries se tornam tão populares e, por isso, comecei a ver *Skam* com certo ceticismo. No entanto, não é preciso ir muito longe para



Ou ainda a experimentação com os códigos de gênero, como no quarto episódio da segunda temporada que flerta com o horror, quando o grupo de amigas viaja para uma cabine isolada no feriado de páscoa. É muito divertido ver essas cenas que remetem aos clichês dos filmes de terror com adolescentes e saber, no fundo, que nada vai acontecer. Que tudo não passa de um pretexto para discutir as relações entre as meninas do grupo de uma maneira cinematograficamente muito mais

descobrir esses motivos. E talvez sejam justamente esses elementos que eu não esperava encontrar nesse tipo de produção - simplicidade e sinceridade - que tenham impulsionado uma série norueguesa sem precedente ou marketing algum ao sucesso mundial, merecidamente.